



Sindicato de Niterói denunciará empresas que descumprirem CCT na contratação de vigilantes para eventos

O Sindicato dos Vigilantes de Niterói e Regiões comunicou às empresas de Segurança que possuem sede ou que prestam serviço dos municípios de Niterói, São Gonçalo, Itaboraí, Rio Bonito e Maricá que, a partir da próxima segunda-feira (16), denunciará aquelas que descumprirem a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) assinada pelo SVNIT e Sindesp. As denúncias serão encaminhadas ao Ministério do Trabalho e são relativas ao descumprimento no contrato de diária de vigilantes.

“O SVNIT não aceita a exploração da categoria em sua base territorial”, reiterou o presidente do Sindicato e secretário Geral da Confederação Nacional dos Vigilantes (CNTV), Cláudio José.

O valor da diária para eventos é de R\$ 135 sem ultrapassar 12 horas de trabalho, além de tíquete refeição e vale transporte. Quem pagar menos do que este valor, que está contido na CCT, será denunciado e multado pelas regras da própria convenção e pelo Ministério do Trabalho. Além disso, o contratante será considerado corresponsável.



O SVNIT solicita aos vigilantes que avisem com antecedência a contratação para trabalhar em eventos na região e que denunciem os abusos ao Sindicato. A denúncia pode ser feita pelo telefone ou pelo Site na seção Fale Conosco. As informações serão sigilosas e as identidades preservadas.

Fonte: CNTV com informações do SVNIT

Sindivigilantes do Sul realiza protesto contra atraso da Vigitec



Vigilantes interditaram entrada da CEEE, na Avenida Ipiranga

O dia mal estava nascendo, por volta de 6h30 de terça-feira (10), quando diretores e apoios do sindicato iniciaram um protesto na entrada da sede da CEEE, na Avenida Ipiranga, em Porto Alegre. Naquele posto, cerca de 40 vigilantes da Vigitec estão sem receber o salário do mês, mas são cerca de 220 no Estado na mesma situação, incluindo os postos da Unipampa e Museu das Ruínas de São Miguel.

Com os carros do sindicato, um deles com alto-falante, apitos, vuvuzelas, e a participação dos trabalhadores, o sindicato interditou quase todos os acessos à empresa, deixando apenas uma passagem livre. Por volta de 8h40, diretores da CEEE chamaram as partes para uma reunião de negociação, com representantes do sindicato, dos vigilantes e da Vigitec.

Depois, em outra reunião, os trabalhadores aceitaram a proposta da empresa, de pagar 50% até quarta-feira (11), e o restante até dia 16. A direção da Vigitec alega que está com três faturas de pagamento da CEEE atrasadas

e recorrerá a um empréstimo bancário para regularizar a situação. A Companhia prometeu regularizar o débito com a contratada até o dia 15.

Pagamento do reajuste

Participaram da manifestação os diretores Marlon Costa, Mariza Abrão, Carlos Schio, Gérson Farias e os apoios Adriano Goulart e Ariosto Santos da Silva. O sindicato está atento e haverá mais protestos como esse onde houver atraso de pagamento, inclusive dos valores do reajuste (11%) retroativos à data base que deveriam ter sido pagos até dia 6 último.

As empresas Portal Sul e Laboral já estão sendo acionadas judicialmente por conta disso. Já a Seltec garantiu ao sindicato que até quinta-feira conclui o pagamento do reajuste de todos os seus trabalhadores. A Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) e a CLT preveem multas às empresas por descumprimento de acordo, nestes casos.

Fonte: Sindivigilantes do Sul

A história vai mostrar quanto de machismo há nesse golpe

Dilma rechaça renúncia na abertura da 4ª Conferência de Políticas para Mulheres e diz que preconceito de gênero está presente no impeachment



Mulheres, de mãos dadas, cantam o hino nacional

Nunca foi fácil e não seria diferente agora. Da conquista do direito ao voto até a recente equiparação dos direitos das empregadas domésticas, nada veio sem luta para elas.

Pela lógica, também não seria simples consolidar uma conferência que discutisse políticas para as mulheres, muito menos mantê-la e fazer com que chegasse à quarta edição, que começou nesta terça-feira (10), em Brasília.

Assim como não foi fácil entrar no auditório do Centro de Convenções Ulysses Guimarães, onde acontece o encontro até a próxima quinta (12), completamente tomado por mulheres que, já não bastassem os desafios cotidianos, ainda enfrentaram boicotes como o do governo paulista e a prisão em um voo pela ousadia de questionarem representantes do povo.

Esse sentimento, de jamais fugir à luta, foi lembrando pela presidenta Dilma Rousseff logo na abertura da 4ª Conferência de Políticas para Mulheres, quando ela própria garantiu que não renunciará ao cargo.

“Jamais passou a renúncia pela minha cabeça. Sou uma figura incômoda, porque enquanto eu me manter em pé, de cabeça erguida, honrando as mulheres, ficará claro que cometeram contra

mim uma enorme injustiça. A renúncia satisfaz a eles, não a nós. A nós satisfaz a luta” apontou.

Luta essa, defendeu Dilma, que é uma coisa gênero. “Uma parte muito importante da minha capacidade de resistir decorre do fato de eu ser mulher, mas, além disso, de eu ter plena consciência de que tenho de honrar as mulheres desse país. Nossa força não está em sermos ferozes, irascíveis, raivosas, mas em sermos lutadoras, sensíveis e capazes de amar, até porque, temos essa imensa capacidade que é dar a vida.”

O encontro, que pode ser o último da presidenta antes do golpe ser consumado, teve momentos de grande emoção. Como acontece em muitas solenidades, apenas a primeira do hino nacional foi executada, então, coube às mulheres continuarem cantando até o fim mesmo sem a melodia ao fundo.

A cena se repetiu quando Dilma entrou no palco e aí não foi preciso qualquer nota para acompanhar. Um movimento tão espontâneo quanto os gritos de “fica querida” e “fora Temer”, o atual vice-presidente lembrando nas palavras da presidenta.

“Esse pessoal não consegue chegar à

presidência pelo voto popular porque não votaremos num projeto de desmonte. Então, usam impeachment para fazer eleição indireta da qual o povo está alijado. Esse processo conduzido pelo ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-R), com o vice presidente (que ela não citou). Essa espécie moderna de golpe é feito não pelas armas, não por baionetas, mas rasgando nossa Constituição”, criticou.

Agenda perdedora

Golpistas que, rememorou Dilma, carregam uma agenda já derrotada nas últimas eleições. “Eles carregam a promessa de retrocesso. Prometem eliminar a obrigatoriedade dos gastos com saúde e educação, desvincular os benefícios previdenciários do salário mínimo, prometem acabar com o pré sal. Eles que nos perseguem pela diversidade, por sermos contra o preconceito.”

Para a presidenta, o tempo irá mostrar que o golpe tem também o viés do machismo. “A história vai dizer quanto da violência e quanto do preconceito contra a mulher tem nesse processo de impeachment golpista.”

Também garantiu que se manterá na trincheira em defesa dos direitos das mulheres. “Eu asseguro a vocês que vou lutar com todas as minhas forças, usando todos os meios legais, vou participar de todos os atos e ações para as quais me chamarem. Não estou cansada de luta. Estou cansada dos desleais e traidores e tenho certeza de que o Brasil também está cansado deles. Mas é esse cansaço dos desleais e traidores que me incentiva a lutar. Nenhum fundamentalismo vai impedir que nossa perspectiva de gênero se aprofunde cada vez mais”, disse.

Para que serve uma mulher no poder?

Capitão da polícia militar de Pernambuco, Lúcia Salgueiro, tinha a resposta na ponta da língua e a esperança de que a primeira mulher presidenta não seria alvo de um golpe.

“A eleição de Dilma como presidenta me contemplou como mulher e eu acredito na sensatez e que vamos, sim, dar vazão à igualdade, ao respeito, à democracia e que a presidenta permanecerá.”

Ela acredita que as últimas eleições colocaram um pouco mais o machismo na parede e ajudaram a aprofundar o debate sobre a desigualdade e a necessidade de mais mulheres na política.

“Precisamos ocupar mais esse espaço para termos políticas melhores voltadas para as mulheres. Nosso estado, por exemplo, é pioneiro no Nordeste a dar licença para as mulheres na Polícia Militar. Mas são apenas 33 anos de atuação em 190 anos de existência da polícia. Ainda temos muito a conquistar porque as políticas precisam também sair do papel, serem efetivadas. Toda a sociedade é machista, isso não é privilégio da polícia. Aprendemos assim desde crianças, por isso precisamos mudar a educação no país para que possamos ter um Brasil sem machismo e sem racismo”, defendeu.

Por nós mesmas – Enquanto amamentava o filho de três meses, a ex-presidiária Elienay Batista, de Corumbá, (MS), que estava na conferência como representante das mulheres privadas de liberdade, explicava porque a união é o caminho para que respondam por elas mesmas.

“Muitas mulheres estão na tranca (prisão) e não podem estar aqui. Por isso, viemos dizer que muitas coisas precisam mudar, como a opressão carcerária. A PM entra dentro do presídio com homens que agridem as mulheres com bomba de efeito moral e gás lacrimogêneo, afetando a integridade física das internas. A gente está aqui para buscar melhorias. Erramos? Sim, mas temos condições de nos recapacitar. Eu, que hoje sou educadora social e trabalho num abrigo, sou exemplo disso e vou lutar por isso.”

Como muitos brasileiros, Elienay acredita que qualquer outro governo que substitua Dilma sem passar pelo crivo do voto, é e sempre será golpista.

“Eu sou a favor de novas eleições. Ela não manda no país sozinha, não faz tudo sozinha, então, não é culpada sozinha. Falam de pedaladas fiscais, mas desde quando isso existe? Por que só agora está sendo assim? Por que ela é uma mulher? Estão com medo de que as mulheres tomem conta do Congresso Nacional em Brasília?”, questionou.

Fonte: CUT

Expediente:

Boletim produzido pela assessoria de comunicação da CNTV

Presidente da CNTV: José Boaventura Santos

Secretário de Imprensa e Divulgação: Geraldo da Silva Cruz

Jornalista: Pricilla Abdelaziz

Diagramação: Anibal Bispo

www.cntv.org.br

cntv@terra.com.br

(61) 3321-6143

SDS - Edifício Venâncio Junior,

Térreo, lojas 09-11

73300-000 Brasília-DF